

A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA NO ESPAÇO ESCOLAR: AS CANÇÕES ATRAVÉS DOS TEMPOS NAS REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES E ADOLESCENTES

Ana Angélica Rodrigues de Oliveira*

Resumo: O artigo descreve um projeto de música popular brasileira ocorrido num colégio público municipal de Volta Redonda. O projeto originou-se dos ideais de um grupo de alunos e professores, que mobilizou a comunidade educacional – alunos, professores de todas as disciplinas, direção, pedagogos, funcionários e pais. Ressalta-se a ampla participação dos atores educacionais ao longo do desenvolvimento do projeto que culminava com um grande festival de MPB. Valem destacar as representações dos educandos, manifestando a construção dos referenciais culturais provenientes de diferentes movimentos, espaços, tempos, ritmos, melodias e rimas poéticas presentes no rico universo da música popular brasileira.

Abstract: The article describes a project of the Brazilian popular music that occurred at a public district school in Volta Redonda, state of Rio de Janeiro, Brazil. The project has been originated based on the ideas of a group of students and teachers, that mobilized the educational community – students, teachers from all types of subjects, directorship, pedagogues, officials and parents. Stands out the vast participation of the educational actors along the development of the project that culminates on a big festival of MPB (Brazilian Popular Music). It is important to mention, the representation of the students, demonstrating the construction of the cultural references that comes from different movements, spaces, time, rhythms, melodies and poetic rhyme present in the rich universe of the Brazilian Popular Music.

Palavras-chave: Música na Escola; Representações Culturais; Música Popular Brasileira

Key-words: Music in school; Cultural Representation; Brazilian Popular Music

* Centro Universitário de Barra Mansa e Secretaria Municipal de Educação de Volta Redonda

1. Introdução

Este artigo tem como objetivo descrever a experiência de um Projeto sobre a Música Popular Brasileira na Escola, desenvolvido num colégio público municipal localizado em Volta Redonda, no estado do Rio de Janeiro. Tal projeto originou-se no ano de 2001, a partir da vontade e os ideais de um grupo de alunos e professores que vislumbravam proporcionar aos educandos referenciais da cultura popular brasileira.

Faz-se necessário esclarecer que ingressei nesse colégio, por meio de concurso público, exercendo a função de orientadora educacional, no período de 1988 a 2004. O colégio pertence à Fundação Educacional de Volta Redonda (FEVRE), possuindo cerca de um mil e quatrocentos alunos de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental e algumas turmas de ensino médio. Como orientadora educacional, um dos aspectos que ressaltou no trabalho da Orientação Educacional é o estímulo à formação da cidadania do educando, via a sua participação na gestão administrativa e pedagógica da escola. Nesse sentido, exercia uma ação educativa próxima e dialógica com os alunos, ajudando-os a se organizarem para a eleição de representantes de turma, na formação de Grêmio Estudantil, nas atividades sócio-culturais e, sempre que possível, nas mais diversas atividades e momentos de trabalhos discentes e/ou docentes compatíveis com a orientação educacional.

No ano de 2001, um grupo de alunos da 8ª série do turno matutino procurou a direção do colégio com o objetivo de realizar um festival de música, tendo elaborado, inclusive, um pequeno regulamento. Alguns dias depois esses alunos compareceram no turno vespertino (no qual eu trabalhava), pedindo-me apoio para a concretização desse projeto. Após uma troca de idéias e experiências, concluiu-se que poderíamos pensar num projeto que abordasse diferentes movimentos da música popular brasileira, culminando-o com um grande festival de música. Nesse evento os alunos interpretariam músicas populares: cantando, tocando ou dançando um repertório representativo da MPB. A grande dificuldade apontada pelos alunos era o desconhecimento dos mesmos sobre as músicas brasileiras de qualidade, além da ausência de educação musical na matriz curricular. Estudo de Loureiro (2003) enfoca o ensino da música na educação básica, ao analisar que o mesmo vem sendo desvalorizado, ao não receber a importância reservada a outras áreas do conhecimento no currículo escolar.

A idéia do projeto foi apresentada a outros professores, direção e orientadores pedagógicos e educacionais do colégio. Um fator que colaborou para a realização do evento foi a presença de dois professores (ciências e português), apaixonados pela MPB e intérpretes de inúmeras composições de sucesso. O sonho e o desafio da realização de

tal projeto geraram uma grande receptividade na comunidade escolar.

Nos últimos anos, como orientadora educacional, eu e outros colegas professores regentes ou pedagogos, considerávamos preocupante o desconhecimento de nossos alunos sobre a cultura popular ou erudita brasileira. Diversas vezes, nas atividades sócio-culturais organizadas no colégio, debatíamos sobre a função da escola nesse aspecto, ou seja, quais valores, identidades, referenciais culturais deveriam nortear a filosofia educacional, o projeto político-pedagógico. Alguns colegas docentes, inclusive da direção, consideravam que a escola deveria pautar-se somente no *gosto* do aluno, muitas vezes permeado pelos referenciais da indústria cultural apresentados pela mídia. Discordávamos, portanto, dessa percepção por julgarmos que muitas vezes os alunos tendem a reproduzir os padrões culturais midiáticos, como consequência do desconhecimento de outros referenciais culturais. Cabe à escola ocupar este espaço, na oferta de instrumentos capazes de ampliar o universo cultural dos educandos, no cumprimento do papel de órgão responsável pela divulgação dos conhecimentos necessários ao ensino de qualidade, indispensável no desenvolvimento da cidadania.

Além disto, os docentes poderiam tender a certa padronização ou estereotipação dos educandos se considerarem que somente os referenciais da indústria cultural permeiam suas representações. Faz-se necessário ressaltar que, atualmente, os estudos educacionais na área cultural tendem a priorizar somente as questões de gênero, raça, etnia ou as manifestações permeadas pela indústria cultural nas crianças e adolescentes brasileiros (como, por exemplo, o funk, o rap, o mundo de Ronald McDonald, da Barbie, enfim, a cultura midiática). Esses trabalhos contribuem para o desvelamento das diferentes identidades culturais que vão sendo construídas e inseridas no espaço escolar. Pode-se questionar, entretanto, certa estereotipação cultural desses adolescentes ou crianças. Como descreve Sposito (1999) ao referir-se à questão da identidade juvenil, a partir de uma imagem originada na mídia, os jovens poderiam ser classificados em consumistas ou alienados, ou, dependendo da classe social, em violentos ou marginais.

Considera-se, então, necessário e estimulante ousar em estudos culturais para novos horizontes. Pérez Gómez (2001) salienta que nas sociedades ocidentais pós-industriais o “estilo de vida” dos adolescentes mostra o caminho para o conjunto da sociedade, ou seja, a moda é jovem, a televisão e a publicidade dirigem-se prioritariamente ao público entre 15 e 20 anos, sinalizando o comportamento de todas as gerações.

A política neoliberal corrobora com a estigmatização das crianças e dos jovens, pois são cada vez menores os investimentos e espaços públicos destinados às manifesta-

ções culturais historicamente construídas e reelaboradas pelas novas gerações, como a alta cultura e a cultura popular. Por outro lado, é conhecido o interesse infanto-juvenil pelo amplo universo da produção cultural, das artes, principalmente, a música, a dança, o teatro e a poesia. Sob tais parâmetros, considera-se, então, a escola como um espaço de extrema relevância a fim de possibilitar o acesso às novas gerações dos referenciais culturais que lhes estão sendo negados, em especial a cultura brasileira.

Segundo Rangel (2004) as representações apresentadas nas múltiplas mensagens televisivas “podem traduzir-se em símbolos, sinais, significados, que orientam a interpretação do mundo real (...). Por isso, a TV pode ser compreendida como fonte de *verdades* e meio poderoso de padronização de condutas e comercialização de produtos para usos materiais ou usos nos costumes” (p.42). A autora ressalta a importância do papel da escola na formação dos telespectadores, ou seja, através da leitura crítica das mensagens televisivas, apontando as suas contribuições culturais, mas também seus condicionamentos e distorções.

Sendo assim, cabe à escola intervir nas representações culturais do educando em formação. A cultura local, a memória e a herança cultural de cada pessoa encontram-se cada vez mais mediatizados pelos interesses, valores, símbolos e padrões transmitidos através dos meios telemáticos, ou seja, dos poderosos instrumentos de comunicação social (GÓMEZ, 2001). A cultura implica em poder, nas relações sociais, na formação das classes sociais e nas identidades dos sujeitos. Conhecer, portanto, a própria cultura requer permanente reflexão e interpretação. O caráter interativo e reflexivo gera a sua modificação e originalidade, manifestando inclusive seu aspecto criativo e poético.

Nesse sentido, a escola deve promover a reflexão sobre as representações culturais dos indivíduos e grupos ampliando-as com as representações distantes no local e no tempo. Viver a cultura na escola requer “interpretá-la, reproduzi-la e recriá-la, mais do que aprendê-la academicamente” (GÓMEZ, 2001, p.266). Promover e facilitar o desenvolvimento do pensamento autônomo requer um ambiente educativo que possibilite intercâmbios e vivências culturais mais abrangentes que os referenciais exclusivamente telemáticos.

Além disso, o processo de globalização e a política neoliberal privilegiam ou impõem à indústria cultural, transformando a cultura em mercadoria e convertendo-a em puro valor de troca. A aparente diversidade convertida em mercadoria, em artigo de consumo, conduz à uniformidade do pensamento único. Gómez (2001) salienta que

o indivíduo se faz humano porque pertence a uma cultura concreta, não por estar dotado da capacidade abstrata de pertencer a qualquer uma (...) a negação das identidades culturais como pontes intermediárias entre a globalização anônima e o indivíduo isolado conduz inevitavelmente ao desamparo individual, à passividade política, à desmobilização social, ao individualismo raquítico do refúgio no consumo à homogeneidade trivial (p.45).

Reforça-se, então, necessidade da instituição escolar construir um marco intercultural mais abrangente e qualitativo, possibilitando a diversidade, a reflexão crítica, as manifestações espontâneas e experienciais do sujeito; como também a sua ampliação, através da apropriação do conhecimento historicamente construído pelas gerações anteriores.

Bosi (2001) argumenta que “uma filosofia da educação brasileira não deveria ser elaborada abstratamente fora de uma prática da cultura brasileira e de uma crítica da cultura contemporânea” (p.342), fazendo-se necessário analisar as interligações entre a cultura erudita, de massa e popular e os desdobramentos das mesmas nos diferentes contextos sócio-culturais. Ressalta ainda a “cultura criadora individualizada”, proveniente da relação sujeito-criação, manifestadas na literatura, na música, nas artes plásticas, no teatro e no cinema. Defende uma educação básica plenamente democrática, em que a escola possa tornar-se

uma via de acesso sempre renovada à Natureza, uma introdução larga ao conhecimento do Homem e da Sociedade, uma ocasião constante de desenvolvimento da própria linguagem, como expressão subjetiva e comunicação intersubjetiva, enfim, um despertar para o que de mais humano e belo tem produzido a imaginação plástica, musical e poética no Brasil, ou fora do Brasil. Este ideal, que forma o ser consciente das conquistas do gênero humano, não pode ser barateado nem trocado por esquemas inertes ou migalhas de informação científica ou histórica. Esse ideal deve reger a escola única que o Estado democrático tem o dever estrito de proporcionar a todas as crianças e a todos os adolescentes brasileiros. O estado neocapitalista, já que dificilmente chega a ser democrático, não pode ser menos liberal (p.340-341).

2. Como o projeto MPB foi desenvolvido no Colégio?

No ano de 2001, a partir das idéias e algumas diretrizes combinadas entre um grupo de alunos e professores, direção, orientadores educacionais e pedagógicos; rea-

lizei uma pesquisa bibliográfica e fonográfica sobre os diferentes movimentos da música popular brasileira no século XX (SEVERIANO e MELLO, 1998; BRANDÃO e DUARTE, 1996; CALDAS, 1989). A pesquisa originou um projeto interdisciplinar abrangendo todas as séries do colégio (5ª a 8ª séries, no diurno, e 5ª a 8ª séries e o ensino médio do noturno). O projeto foi apresentado a todos os professores (cerca de setenta docentes) em reuniões nos três turnos, onde ficaram acertados alguns eixos norteadores:

- cada série trabalharia com um movimento musical (Ex: Bossa Nova, Chorinho, Tropicalismo ou outro);
- ao longo do desenvolvimento do projeto seriam realizadas pesquisas biográficas, painéis, murais referentes aos principais compositores e suas obras;
- alguns grupos musicais da cidade se apresentariam no colégio: Bossa Nova e Chorinho;
- realização de um festival de música para culminar o projeto



Figura 1– Apresentação do movimento musical da Bossa Nova para alunos e professores no auditório do colégio, pelo conservatório de música Arte Maior, outubro de 2001



Figura 2 – Apresentação do Grupo de Choro Vera Cruz (de Volta Redonda) para alunos e professores no auditório do colégio, setembro de 2002

A fim de facilitar o desenvolvimento do projeto, optou-se por dividir os movimentos musicais em três períodos do século XX: 1º Período (Décadas de 30, 40 e 50); 2º Período (Décadas de 60 e 70) e 3º Período (Décadas de 70, 80 e 90). Nesse ano de 2001, o projeto ocorreu ao longo do 4º bimestre e para visualizá-lo, dividiram-se os diferentes movimentos por série. As décadas de 30, 40 e 50 (representadas pelas Modinhas, Valsas, Choro e o Samba) ficaram sob a responsabilidade da 5ª e 6ª séries do ensino fundamental e o 1º ano do ensino médio. As décadas de 60 e 70 (representadas pela Bossa Nova, Canções de Protesto e a Era dos Festivais, Tropicalismo e a Jovem Guarda) ficaram sob a responsabilidade da 7ª série e o 2º ano do ensino médio. As décadas de 80 e 90 (representadas pelo Samba / Pagode, Mineiros / Clube da Esquina, Música Rural e Nordestina, Rock Nacional) ficaram sob a responsabilidade da 8ª série e o 3º ano do ensino médio.

O projeto transcorreu de forma interdisciplinar, ficando as disciplinas agrupadas, onde foram desenvolvidas as seguintes atividades:

– Artes / Português: interpretação das músicas (letra e melodia), pesquisas biográficas sobre os compositores e os estilos musicais, entrevistas aos familiares dos alunos, organização de cartazes e murais, elaboração de caricaturas dos compositores estudados, redações sobre a vida dos compositores e suas obras, organização do símbolo do IFEMUTH;

– História / Geografia / Inglês: pesquisa sobre o conteúdo sócio-cultural, político e econômico do Brasil e o movimento musical enfocado; como por exemplo, o samba-exaltação e o Estado Novo, as canções de protesto e o golpe militar de 64, e outros contextos e relações. As repercussões e influências da MPB na música mundial e as gravações no exterior em inglês (como a Bossa Nova, o samba, dentre outros movimentos, com suas músicas e compositores famosos).

– Educação Física: pesquisa sobre as danças e hábitos culturais (especialmente o vestuário) de cada época, de acordo com o movimento musical estudado na série. Coreografias para as músicas apresentadas pelos alunos no I FEMUTH.

– Ciências: análise de músicas brasileiras (dos diferentes compositores e movimentos) que abordam questões ambientais, tais como a água, o desmatamento, a poluição, a preservação, dentre outras.

Faz-se necessário ressaltar alguns resultados do Projeto no ano de 2001, que revelam o amplo envolvimento da comunidade escolar através da participação dos alunos, professores, funcionários e de alguns pais membros do conselho comunitário do colégio. No que se refere a participação dos alunos, uma atividade que obteve grande receptividade foi o concurso do símbolo do FEMUTH (Festival de Música do Themis). Mais de duzentos e cinquenta alunos criaram logotipos para o festival, tendo sido organizado um painel para a exposição dos mesmos. O logotipo que obteve o primeiro lugar tornou-se a marca do festival, tal símbolo foi impresso nos convites para o FEMUTH e nos certificados entregues a todos aqueles que participaram; sugerindo também a idéia de colocá-lo na blusa do I FEMUTH, espontaneamente muitos alunos, professores, funcionários e alguns pais a usaram no dia do festival e como uniforme do colégio ao longo do período letivo.



Figura 3 – Símbolo do FEMUTH, idealizado pela aluna Iris Magalhães, cursando a 8ª série no colégio em 2001



Figura 4 – Painel com os logotipos idealizados pelos alunos para o símbolo do FEMUTH

Sob a orientação docente, surgiram nos corredores do colégio diversos painéis demonstrando os diferentes movimentos e períodos da música popular brasileira e seus compositores mais expressivos. Entretanto, o mais surpreendente foi o enorme envolvimento dos alunos no festival de música. A fim de caracterizar o evento como um festival, organizou-se um regimento com alguns critérios para a participação e premiação dos alunos. Um júri composto por músicos da cidade classificaria o melhor intérprete, melhor grupo vocal e melhor instrumentista. Na abertura do festival, foram apresentados grupos de dança que caracterizaram alguns dos movimentos musicais enfocados no projeto. A mobilização da comunidade escolar para possibilitar a infra-estrutura necessária à efetivação do festival foi intensa – com destaque especial para o envolvimento de algumas mães de alunos na confecção do vestuário para as danças, na venda de sanduíches e pastéis e na realização de um bazar para se arrecadar recursos financeiros. Há que ressaltar a enorme disponibilidade (voluntária) de dois professores do colégio (Português e Ciências) e o apoio de alguns músicos da cidade que se dispuseram a ensaiar os alunos.

O IFEMUTH ocorreu no auditório da Faculdade de Engenharia da Universidade Federal Fluminense localizado num bairro central de Volta Redonda. O evento iniciou-se às dezenove horas, sendo espontânea a presença dos alunos. O auditório ficou lotado, com muitos alunos situados nas partes laterais da entrada do auditório. A expectativa da comissão organizadora do evento no que concerne à receptividade dos alunos era intensa e imprevisível. As músicas a serem apresentadas eram *Carinhoso* (de Pixinguinha), *Viola Enluarada* (de Marcos e Paulo Sérgio Valle), *Maria, Maria* (de Milton Nascimento e Fernando Brant), *Todo Azul do Mar* (de Flávio Venturini), *O Que é o que é* (de Luiz Gonzaga Jr.), *A Banda* (de Chico Buarque), *As Pastorinhas* (de Noel Rosa e João de Barro), *É Preciso Saber Viver* (de Roberto Carlos e Erasmo Carlos), *Garota de Ipanema* (de Tom Jobim e Vinícius de Moraes), dentre outras expressivas composições e movimentos da música popular brasileira. O festival foi coroado de êxito, tornando-se um evento do colégio a partir daquele ano, valendo destacar a alegria, o compromisso e a seriedade dos alunos e professores que participaram na organização ou nas apresentações e, principalmente, do clima de “festival” expresso na expectativa do público para assistir às apresentações dos alunos. Certamente, esse ambiente de espontaneidade, nervosismo, muitos aplausos, ou seja, a vibração positiva do público confirmou o sentimento de que os adolescentes gostam e apreciam a música popular brasileira.

Os depoimentos de alguns alunos participantes do festival de 2001, ou nos anos seguintes, manifestam as suas representações (RANGEL, 2004) sobre o projeto desenvolvido no colégio:

“Muito legal o Projeto porque mostra aos alunos os talentos que nós temos” (aluno de 8ª série, participante do FEMUTH em 2002).

“Antes eu achava que os compositores da MPB eram brega, hoje não penso assim, músicas da época de nossas mães e avós são também do nosso tempo; porque têm tudo a ver com a gente, nós nos identificamos com as letras das músicas” (aluna da 8ª série, participante do FEMUTH em 2001, 2002 e 2003).

“O FEMUTH é um projeto também ocupacional, pois estamos lidando com a arte, não estamos lidando com drogas, brigas, formando bonde” (ex-aluna do colégio, participante do FEMUTH em 2001, 2002 e 2003).

“Muitas pessoas acham que não temos dons para nada, muitos de nós descobrimos que temos dons para cantar” (aluna da 6ª série, participante do FEMUTH em 2002).

“Há um clima de união, não estamos preocupados em disputar, mas em participar e não competir” (aluna da 7ª série, participante do FEMUTH em 2001 e 2002).

“O Projeto valoriza a música popular brasileira, pois hoje no Brasil só se toca música americana e a nossa música é linda” (aluna da 7ª série, participante do FEMUTH em 2002).

“O FEMUTH mostra os nossos talentos, muitas vezes nossos talentos estão ocultos, nele podemos nos expressar” (aluna do 1º ano do ensino médio, participante do FEMUTH em 2001, 2002 e 2003).

“Muito importante o Projeto: toda a escola, professores e funcionários, todos cooperam e dão apoio para acontecer o Projeto” (ex-aluna do colégio, participante do FEMUTH em 2001, 2002 e 2003).

“Quanto mais ensinar aos alunos músicas que foram esquecidas melhor, porque as letras são as mais bem feitas, saem da alma, acho ótimo que os alunos tenham contato com essas músicas de raiz, é o verdadeiro ritmo brasileiro” (aluna do 1º ano do ensino médio, participante do FEMUTH em 2003).

“Pra escola o Projeto é ótimo, para mim foi bom. Ajuda bastante aos alunos, é uma forma de aula diferente, se não tivesse o FEMUTH a escola seria monótona, é como uma festa, os alunos participam, mostram que têm talentos, tantos alunos com talentos, muitos nem sabiam que tinham (...) no meu caso ajudou bastante, porque perdi a vergonha, eu era tímida demais, nem na sala de aula eu conversava, hoje já converso com todos” (aluna do 3º ano do ensino médio, participante do FEMUTH em 2002 e 2003).

“Eu gosto de MPB, eu gosto desse tipo de música, antes eu achava que era música de velho, eu me sentia velha porque não gosto de funk. Eu gosto demais de MPB. São músicas que as pessoas não esquecem, sempre lembram pelo menos um pedaço. Uma música antiga fica bonita na voz de uma menina, se a pessoa tem boa voz” (aluna do 1º ano do ensino médio participante do FEMUTH em 2002 e 2003).

“Eu gostei da música que cantamos porque fala do Nordeste, como eles vivem. Eu conhecia a música *Disparada* porque tem uma casa próxima à escola que sempre coloca essa música (...) Os alunos adoraram ouvir o CD do Caju e Castanha em sala de aula” (aluna da 8ª série, participante do III FEMUTH em 2003).

“Atuma fez um mural sobre a música *O Tabuleiro da Baiana*. Tem professores que nos estimulam, apóiam, insistem pra gente se inscrever no festival” (aluna do 2º ano do ensino médio, participante do II e III FEMUTH).

“É um projeto em que nós não ficamos na rua à toa, a gente vem para a escola ensaiar. É bom pra gente e para os colegas. Surgem alunos que desenham muito bem, a escola ajuda a descobrir talentos” (aluno da 8ª série, participante do III FEMUTH).

“Deveria ter mais incentivo dos professores. O Projeto poderia ser melhorado, com aulas de canto, de teoria musical (...) a música é importante na escola, ela ajuda o aluno, torna-o mais compreensivo, com mais discernimento, os alunos respeitam-se mais (...). Os “Amigos da Escola” não deveriam existir somente no Esporte, mas também na área musical, o governo deveria incentivar disponibilizando verbas para estimular projetos como este” (aluno do 2º ano do ensino médio, participante do III FEMUTH).

“O FEMUTH e os professores é que me prendem nessa escola porque moro longe, seria mais fácil eu estudar perto da minha casa” (aluna da 8ª série, participante do FEMUTH em 2003).

“Acho muito legal, sinto-me uma cantora ao estar no palco. Eu acabei de cantar, todos batem palma; no ano passado, ao terminar, uma pessoa no público me pediu um autógrafo” (ex-aluna do colégio, participante do FEMUTH em 2001, 2002 e 2003).

Os depoimentos expressam a receptividade dos alunos ao Projeto e à música popular brasileira. Um dos aspectos mais ressaltados pelos alunos é a possibilidade de descobrirem e manifestarem seus talentos através da música. Fazendo-se necessário destacar o envolvimento afetivo do aluno com o Projeto, melhorando a sua auto-estima e ocasionando o desenvolvimento de habilidades no aspecto inter e intrapessoal (inteligências múltiplas, GARDNER, 1994), assim como para a inteligência musical (idem). Nas diferentes atividades realizadas pelos alunos sob a orientação docente, propostas na sala de aula ou em outros ambientes, os alunos utilizaram diferentes linguagens – verbal, escrita, musical, gráfica, plástica e corporal – como meio para expressar, produzir e analisar os movimentos musicais estudados. Cabe destacar também a percepção discente no que se refere à indústria cultural (Adorno e Horkheimer, 1973), ao refletirem sobre a música que geralmente “consomem” e a sua vinculação ao mercado fonográfico.

No ano de 2002, o projeto foi ampliado, ficando articulado a outro Projeto do Colégio intitulado “Meio Ambiente – enfocando o efeito estufa, os recursos hídricos e energéticos brasileiros, as relações de poder e hegemonia mundial no tocante a esses recursos”. Aparentemente as questões ambientais não apresentam uma relação direta com a música popular brasileira, entretanto, há uma diversidade de composições que abordam temas ligados à natureza, as relações do indivíduo com a sociedade e o meio ambiente. A música “O Sal da Terra” (de Beto Guedes e Ronaldo Bastos) foi amplamente enfocada, tornando-se a música geradora do Projeto MPB naquele ano; escolhendo-se intencionalmente três movimentos da MPB para serem abordados ao longo do ano: o Choro, o Samba e os “Mineiros” (os compositores e intérpretes do “Clube da Esquina”). Novamente ocorreram várias atividades pedagógicas e sócio-culturais, ocasionando in-

clusiva a “I Feira do Conhecimento” do colégio. A fim de culminar tais projetos, organizou-se o “II Festival de Música do Themis” (FEMUTH). Pela segunda vez, o colégio realizou um evento fora do espaço escolar, nessa ocasião no principal teatro da cidade. No II FEMUTH 2002, “pérolas” da MPB como *As Rosas Não Falam* (de Cartola), *Lamento* (de Pixinguinha), *Andança* (de Danilo Caymi, Paulinho Tapajós e Edmundo Souto), *Paisagem da Janela* (de Lô Borges e Fernando Brant), *Sol de Primavera* (de Beto Guedes e Ronaldo Bastos), *O Bêbado e a Equilibrista* (de João Bosco e Aldir Blanc), *Bola de Meia*, *Bola de Gude* (de Milton Nascimento e Fernando Brant), dentre outras, foram interpretadas e tocadas pelos alunos de uma forma alegre, contagiante, peculiar a jovens adolescentes ávidos por manifestarem seus talentos e ousarem nos padrões estabelecidos pelo mercado fonográfico.



Figura 5 – Livros e painéis confeccionados pelos alunos sob orientação docente, sobre vida e obra dos compositores mineiros (do Clube da Esquina), FEMUTH de 2002



Figura 6 –Apresentação dos alunos, de diferentes idades e séries no II FEMUTH, em cinco de novembro de 2002, no teatro Gacemss (no fundo do palco caricaturas dos compositores da MPB homenageados nesse ano, desenhadas por alunos do colégio)

No ano seguinte, em 2003, o Projeto MPB ocorreu novamente de forma interdisciplinar, integrando-se no mês de agosto a outro projeto desenvolvido no colégio: “Folclore e Avós na Escola”. Devido ao centenário de nascimento do grande compositor brasileiro Ary Barroso, decidiu-se homenageá-lo no III FEMUTH. Quanto ao movimento musical da MPB a ser focado, escolheu-se a variedade de gêneros e formas da música e da cultura popular do Nordeste. A partir da pesquisa bibliográfica e fonográfica, selecionaram-se diferentes gêneros e compositores expressivos da música nordestina. Xote, xaxado, repente, baião, frevo, toada e moda de viola do Nordeste, coco, embolada, maracatu, desafio, ciranda, dentre outras, foram amplamente enfocados pelos docentes de forma interdisciplinar, ao integrar todas as séries e os três turnos do colégio. Dentre as atividades realizadas pelos alunos sob a orientação docente, destacaram-se nesse ano – além daquelas já realizadas nos anos anteriores – a confecção de instrumentos musicais com material reciclável (sanfona, zabumba, pandeiro, triângulo, ganzá, caraxá, cuíca, viola e outros); colagens sob a orientação dos professores de artes; redação de poesias e rimas (repentes, embolada e desafio); elaboração de livros (literatura de cordel); gincana cultural com a abordagem também das danças, da culinária, do vestuário da cultura popular nordestina.

O II e o III Festival de Música Themis (FEMUTH) tiveram o apoio da Fundação Educacional de Volta Redonda (FEVRE) e da Secretaria Municipal de Cultura de Volta Redonda. O FEMUTH 2003 realizou-se num bairro central da cidade, local intitulado

“Memorial Getúlio Vargas”, onde diferentes grupos musicais da região Sul Fluminense ou de âmbito nacional fazem apresentações. Um público estimado em cerca de um mil e quinhentas pessoas prestigiaram o evento. Nesse ano, como abertura do festival, organizou-se um musical em homenagem ao centenário de Ary Barroso. Vale destacar que professores de diferentes áreas participaram da organização do musical, envolvendo professores de Geografia, História, Educação Física, Artes e Português. Nesse momento, os alunos realizaram coreografias, dramatizaram e cantaram belas e inesquecíveis canções, tais como: *O Rancho Fundo*; *No Tabuleiro da Baiana*; *Novo Amor*; *É Luxo Só*; e uma das dez canções mais tocadas no mundo inteiro – *Aquarela do Brasil*. Após o musical, os alunos concorreram nas categorias de melhor intérprete e melhor grupo vocal, sob o acompanhamento de músicos da cidade e de alunos instrumentistas. Nesse momento, todas as músicas apresentadas expressavam a versatilidade e originalidade da música nordestina, tais como: *História dos Pescadores: Canção de Partida* (Dorival Caymmi), *Morena Tropicana* (Alceu Valença e Vicente Barreto), *Asa Branca* (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira), *Sebastiana* (Rosil Cavalcanti), *Canta Coração* (Geraldo Azevedo e Carlos Fernando), *Ai que Saudade de Ocê* (Vital Farias), *Disparada* (Téo Barros e Geraldo Vandré), *Como Nossos Pais* (Belchior), *Só Quero um Xodó* (Dominguinhos e Anastácia), dentre outras. Mais uma vez, o FEMUTH foi um sucesso, o colégio conseguiu mobilizar cerca de cento e cinquenta alunos (sendo alguns ex-alunos e participantes do festival nos anos anteriores), envolvidos na organização e apresentações.



Figura 7 – Homenagem ao centenário de Ary Barroso, painéis confeccionados por alunos sob a orientação docente, retratando a vida e obra do compositor



Figura 8 – III FEMUTH: musical em homenagem ao centenário de Ary Barroso e alunos interpretando canções dos compositores nordestinos, em treze de novembro de 2003, no Memorial Getúlio Vargas

Quando o homem organiza racionalmente não faz mais do que reproduzir, repetir ou prolongar formas já existentes. Mas quando organiza poeticamente, dá forma ao caos e esta ação, que é talvez, a melhor definição da cultura, se manifesta com uma clareza esmagadora no caso da arte (CASTORIADIS, apud PÉREZ GÓMEZ, 2001, p.16).

Como se fora brincadeira de roda, memória
Jogo do trabalho na dança das mãos, macia
O suor dos corpos na canção da vida, história
O suor da vida no calor de irmãos, magia....
Somos a semente, ato, mente e voz, magia (Música Redescobrir,
Luiz Gonzaga Jr.).

Os versos acima da bela composição brasileira de Gonzaguinha podem simbolizar o sentimento de alegria, descobertas e participação da comunidade escolar; o projeto intitulado *A Música Popular Brasileira na Escola* conseguiu integrar todos os segmentos do colégio. A troca de experiências, de linguagens musical e poética, corporal e plástica, como também de identidades culturais, revelam a riqueza do projeto, ressaltando, dessa forma, a história musical brasileira. A troca de memórias, imagens, sons e sentimentos entre alunos e professores, expressam que é possível ampliar os referenciais culturais direcionados pela indústria cultural. Por outro lado, o amplo envolvimento da comunidade educacional, revela a possibilidade de sair-se do imobilismo tão presente no cotidiano escolar.

Rangel (2003) destaca a importância de um trabalho articulado e integrador na comunidade escolar, considerando que “nas circunstâncias concretas da vida e seus valores, encontram-se os temas dos projetos que aproximam e ampliam os objetos e objetivos do trabalho (educativo, formativo e conscientizador) de educar: tarefas de todos, pessoas e setores, que assumem a escola e seus compromissos sociais e pedagógicos” (p.146). Nesse sentido, o projeto desenvolvido no colégio manifesta também, a possibilidade do exercício da autonomia da escola, ou seja, a partir da organização, planejamento e principalmente da utopia de alguns pedagogos, professores e alunos, conseguiu-se o envolvimento e a mobilização de todos. A experiência ocorrida nesse colégio público indica que, quando a escola tem clareza de seu papel social e de seus fins educativos e pedagógicos, é possível romper com a “autonomia do abandono” (Oliveira, 1996). Por outro lado, muitos projetos, como este, poderiam ser ampliados ou redimensionados, se o poder público traçasse políticas educacionais com a participação e as experiências das unidades educacionais.

3. Cantando e contando a MPB na escola

A música, sobretudo a chamada ‘música popular’ ocupa no Brasil um lugar privilegiado na história sociocultural, lugar de mediações, fusões, encontros de diversas etnias, classes e regiões que formam o nosso grande mosaico nacional. Além disso, a música tem sido, ao menos em boa parte do século XX, a tradutora de nossos dilemas nacionais e veículo de nossas utopias sociais. Para completar, ela conseguiu, ao menos nos últimos quarenta anos, atingir um grau de reconhecimento cultural que encontra poucos paralelos no mundo ocidental. Portanto, arrisco dizer que o Brasil, sem dúvida uma das grandes usinas sonoras do planeta, é um lugar privilegiado não apenas para ouvir música, mas também para pensar a música (Marcos Napolitano, 2002, p.7).

Refletindo sobre o grande envolvimento individual das pessoas no projeto desenvolvido numa escola pública municipal, assim como a mobilização da comunidade escolar para realizá-lo, pode-se inferir que a grande receptividade dos sujeitos deveu-se ao tema proposto: a música popular brasileira. A música, principalmente quando manifesta um processo de criação cultural, expressão de sensibilidade poética, de harmonias e sons de diferentes tempos e melodias, toca profundamente na alma das pessoas. A música possui a magia de nos transportar para um momento singular de nossa vida, resgata imagens, sentimentos, aromas, contextos sociais, a memória de momentos que vivemos ou que se encontra em nosso inconsciente, revelando construções culturais de grupos sociais presentes na memória de povos e nações.

As ações espontâneas de professores, alunos, funcionários e pais revelam que a escola pode agir no currículo, realizando a resistência emancipadora (GIROUX, 1986). A participação dos sujeitos na construção de saberes, linguagens, representações e práticas culturais expressam a possibilidade de a escola intervir politicamente no currículo, por intermédio de ações de resistência reveladoras da criatividade pedagógica e cultural, que ampliam os saberes culturais para além dos conhecimentos curriculares formais, mas indicando saberes sociais não-hegemônicos.

Pérez Gómez (2001) refere-se à “cultura crítica” ao analisar a cultura escolar na sociedade neoliberal. Entende-se por cultura crítica a alta cultura, o conjunto de saberes, e fazeres que os grupos humanos acumulam historicamente. Está alojado nas disciplinas científicas, nas produções artísticas e literárias, na filosofia... A cultura crítica evolui e se transforma ao longo do tempo e se diferencia nos grupos humanos. O autor realiza um questionamento sobre quais seriam os valores e os conhecimentos da cultura crítica atual que mereceriam ser trabalhados na escola.

Defende a necessidade de que os docentes e a própria escola construam um marco intercultural mais amplo e flexível que permita a integração de valores, idéias, tradições, costumes e aspirações que assumam a diversidade, a pluralidade, a reflexão crítica e a tolerância, a fim de se elaborar a própria identidade individual e grupal. Considera, ainda que as vivências da cultura crítica, na sala de aula e na escola, requerem a integração de contextos, a participação ativa dos sujeitos, o compromisso de colaboração e a abertura para os problemas e situações reais da vida cotidiana, que compõem a base simbólica da cultura experiencial de cada indivíduo.

Finalizando, faz-se necessário ressaltar o papel dos educadores nesse processo, pois educar para a emancipação requer da docência o papel intelectual de intervir nos conteúdos, nos saberes formais e cotidianos, no conhecimento, no trabalho de pesquisa, na análise e troca de experiências. Requer ousadia acreditar que escola é muito mais que salas de aula, horários, matrizes curriculares, cumprimento de dias letivos, local de ofício dos trabalhadores em educação – tudo isto faz parte do exercício da profissão – mas a escola como instituição social é também um espaço para troca de saberes, local que deixa marcas de identidade, de auto-estima, de compreensão ou fragmentação da realidade, de valores que geram solidariedade ou competição e individualismo.

Paulo Freire (1997) nos lembra que “ensinar é querer bem aos educandos”, para isto a docência exige também sensibilidade para ouvir, perceber e compreender os educandos. O desafio que se impõe, numa sociedade cada vez mais globalizada e com

valores permeados pelo mercado e indústria cultural, é acreditar que “os sonhos não envelhecem” (Milton Nascimento, Lô Borges e Márcio Borges, Clube da Esquina nº 2). O projeto descrito neste artigo confirma que o sonho e a poesia estão presentes na alma das velhas e novas gerações.

Referências

- ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Temas Básicos da Sociologia*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BRANDÃO, Antonio Carlos e DUARTE, Milton Fernandes. *Movimentos Culturais de Juventude*. São Paulo: Moderna, 1990.
- CALDAS, Waldenyr. *Iniciação à Música Popular Brasileira*. São Paulo: Ática, 1989.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GARDNER, Howard. *Estruturas da Mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- GIROUX, Henry. *Teoria Crítica e Resistência em Educação: para além das teorias da reprodução*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.
- GÓMEZ, A. I. Pérez. *A Cultura Escolar na Sociedade Neoliberal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- LOUREIRO, Alcía Maria Almeida. *A Música no Currículo do Ensino Fundamental*. Presença Pedagógica, Belo Horizonte, v. 10, n. 60, p. 14-23, nov./dez.2004.
- NAPOLITANO, Marcos. *História e Música: história cultural da música popular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- OLIVEIRA, Ana Angélica Rodrigues. *A Eleição para Diretores e Gestão Democrática da Escola Pública: democracia ou autonomia do abandono?* São Paulo: Alfa e Omega, 1996.
- RANGEL, Mary. *Temas Integradores da Supervisão Pedagógica, Orientação Educacional e Comunidade Escolar*. In: GRINSPUN, Mírian Paura (org.). *Supervisão e Orientação Educacional: perspectivas e integração na escola*. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. *A Pesquisa de Representação Social como Forma de Enfrentamento de Problemas Socioeducacionais*. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2004.

SEVERIANO, Jairo e MELLO, Zuza Homem. *A Canção no Tempo: 85 anos de Músicas Brasileiras*, v.1: 1901-1957 e v.2: 1958-1985. São Paulo: Ed. 34, 1998.

SPOSITO, Marília Pontes. *Um Breve Balanço da Pesquisa sobre Violência Escolar no Brasil*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, n. 1, p.87-103, jan. / jun. 2001.